

1.ª edição | novembro, 2018

E EDIÇÕES ESGOTADAS

www.edicoesegotadas.com
geral@edicoesegotadas.com

Título

Literatura & Sociedade na pluralidade lusófona

Organizadores

Annabela Rita
Dirlenvalder Loyolla
Fabio Mario da Silva
Cátia Canêdo

Coleção

Universitas | n.º 2

Revisão de Texto

Suzana Pereira Pacheco
Ana Maria Oliveira | Edições Esgotadas, Lda.

ISBN

978-989-8911-32-2

Depósito Legal

448442/18

Impressão e Acabamento

Tipografia Beira Alta, Lda.

Execução Gráfica

Edições Esgotadas, Lda.

© 2018, Annabela Rita
© 2018, Dirlenvalder Loyolla
© 2018, Fabio Mario da Silva
© 2018, Cátia Canêdo

Todos os direitos reservados.

LITERATURA & SOCIEDADE

na pluralidade lusófona

ANGOLA | BRASIL | CABO VERDE | GUINÉ-BISSAU | MACAU | MOÇAMBIQUE | PORTUGAL

Organização

**Annabela Rita
Dirlenvalder Loyolla
Fabio Mario da Silva
Cátia Canêdo**

AUTORES

André Luís Gomes (UNB)

António Cândido Franco (Universidade de Évora)

Beatriz da Silva Lopes Pereira (UNB)

Christina Ramalho (UFS)

Duarte Drummond Braga (USP)

Elisa Nunes Esteves (Universidade de Évora)

Evelyn Blaut Fernandes (UFRJ)

Isabel Ponce de Leão (Universidade Fernando Pessoa)

José Eduardo Franco (Universidade Aberta/FCT/CLEPUL)

Luciene Pereira (UFMG)

Marcos Vinícius Teixeira (UEMS)

Miguel Real (CLEPUL)

Miriam Corrêa de Araújo Ávila (UFMG)

Renato Epifânio (Universidade do Porto)

Rosa Alda Souza de Oliveira (UNB)

Tania Macêdo (USP)

SUMÁRIO

PREFÁCIO

7 Os Organizadores

11 NOTA INTRODUTÓRIA

A FICÇÃO DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES: A CHAMA E DEPOIS

13 Evelyn Blaut Fernandes

À MESA DO ORIENTE: A DIGESTÃO DE MACAU NA POESIA DE ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA

25 Duarte Drumond Braga

ABDULAI SILA: UMA OBRA DE RECONCILIAÇÃO NACIONAL

41 Miguel Real

AGOSTINHO DA SILVA E O CONCEITO DE LUSOFONIA

49 Renato Epifânio

ANTÓNIO VERDE NAS PÁGINAS DE A VIDA DE MINAS: A PRIMEIRA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE ANÍBAL MACHADO

73 Marcos Vinícius Teixeira

COMPANHIA NEGRA DE REVISTAS: A FORMAÇÃO DO TEATRO BRASILEIRO

101 André Luís Gomes | Beatriz da Silva Lopes Pereira

GIL VICENTE E A SOCIEDADE DO SEU TEMPO

115 Elisa Nunes Esteves

LIMA BARRETO: FEMINISMO, ANTIFEMINISMO E AUTORIA FEMININA SOB A ÓTICA DE UM CRONISTA DE VANGUARDA

129 Cátia Canêdo | Dirlenvalder do Nascimento Loyolla

LITERATURA E SOCIEDADE: RECIPROCIDADES

147 Isabel Ponce de Leão

LITERATURA, HISTÓRIA E SOCIEDADE NO ROMANCE *KIKIA MATCHO:* *O DESALENTO DE UM COMBATENTE, DE FILINTO DE BARROS*

159 Rosa Alda Souza de Oliveira

LUGAR DE SUOR, PÃO E ALEGRIA:

CABO VERDE NAS CRÔNICAS DE FÁTIMA BETTENCOURT

175 Christina Ramalho

LUSOFONIA E GLOBALIZAÇÃO:

A POSSIBILIDADE DE REFAZER UTOPIAS

193 José Eduardo Franco

CONSELHO CIENTÍFICO EDITORIAL:

Dionísio Vila Maior (UAb/ CLEPUL)

Fernando Cristóvão (UL –FL – CLEPUL)

Isabel Moran Cabanas (GRAALL – Grupo de Análise de Aspectos Linguístico-literários
na Lusofonia / Universidade de Santiago de Compostela)

João Relvão Caetano (UAb | CLEPUL)

José Ignacio Ruiz Rodríguez (Grupo E.P. Europeo / Universidad de Alcalá / Universidad
Libre de Infantes Santo Tomás de Villanueva)

José Maria Silva Rosa (LusoSofia/UBI)

Luísa Paolinelli (U. Madeira)

Luiz Eduardo Oliveira (Universidade Federal de SERGIPE – Núcleo de Estudos de
Cultura)

Maria Manuel Baptista (Universidade de Aveiro)

Mariagrazia Russo (Università degli Studi Internazionali di Roma /Itália)

Petar Petrov (U. Algarve)

Stelio Furlan (Universidade de Santa Catarina / Florianópolis)

ORIGENS ARCAICAS DOS MITOS DA SAUDADE
211 António Cândido Franco

**PAPEIS DA PRISÃO, DE LUANDINO VIEIRA,
E A LITERATURA DE TESTEMUNHO**
249 Tania Macêdo

**POÉTICA DA CORDIALIDADE EM "SARAPALHA":
UMA NARRATIVA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA**
263 Luciene Pereira | Miriam Corrêa de Araújo Ávila

283 SOBRE OS ORGANIZADORES
284 SOBRE OS AUTORES

PREFÁCIO

OS ORGANIZADORES

Em 2018 comemoramos o 53º aniversário de publicação de *Literatura e Sociedade*, obra seminal de Antonio Candido (1918-2017) que, à época de seu lançamento, serviu como excelente intervenção crítica de caráter *dialético* num espaço notadamente afeito a racionalizações *absolutas*. Quando a primeira edição do livro foi publicada, em 1965, havia cerca de dezasseis anos que o influente *Theory of literature*, de René Wellek e Austin Warren, já vinha consolidando na academia aquela nova expressão que dava título ao volume da dupla e também fortalecia entre nós, acadêmicos, o mito da leitura intrínseca como a única forma correta de se estudar uma obra literária. E só em 1971, numa França que ainda influía nos caminhos das Letras, Michel Zeraffa nos ofereceria o seu *Roman et Société*.

Durante muito tempo, com efeito, a única abordagem crítica capaz de tentar fazer frente à voragem formalista/estruturalista parece ter sido a perspectiva marxista, a qual, através de aproximações e afastamentos em relação à leitura extrínseca tradicional (com base na História, na Sociologia e na Economia), também acabava sistematizando um mundo teórico *absoluto*, sempre propenso a negar racionalizações alheias (aliás, como nos alerta Paul Veyne em seu *Comment on écrit l'histoire*, nós sempre tendemos a ser “o positivista de alguém, de quem negamos as racionalizações”). O próprio Antonio Candido, em sua obra, não poupou reprimendas a György Lukács pelo seu apego demasiado, enquanto crítico literário, a questões políticas e econômicas. Seja como for, importa perceber que a abordagem marxista da obra literária foi gradualmente perdendo espaço no meio acadêmico, sendo abafada pela crescente unilateralidade do Estruturalismo, que se manteve reinante no Brasil, por exemplo, em muitos cursos de Letras, até fins da década de 1990.

Em 1965, portanto, a publicação de *Literatura e Sociedade* representava uma novidade teórica que fugia da lógica do “ou 8 ou 80” típica do período: ela introduzia uma perspectiva que relativizava o poder de alcance de ambas as leituras (extrínseca e intrínseca) ao mesmo

tempo em que mostrava que o método dialético proposto por Candido potencializava a abertura das obras a novas e profícuas interpretações. E todos só tinham a lucrar com isso: ganhava o autor; ganhava a obra; ganhava a crítica literária.

O jovem estudante de Letras de hoje (para o qual expressões como *Estudos culturais* e *Teoria crítica* são tão comuns em seu dia-a-dia acadêmico) talvez não se dê conta de que foram necessárias inúmeras discussões acaloradas travadas durante o século XX para que se completasse plenamente o processo de independência e legitimação disciplinar dos Estudos Literários.

Cumpramos observar, nesse sentido, que há 53 anos não conhecíamos nem valorizávamos como hoje as várias oralidades e literacias que a Língua Portuguesa guarda em suas mais diversas manifestações culturais. E é importante lembrar que em tal período, mesmo que conhecêssemos outras narrativas e versos que não os do cânone, talvez também não os pudéssemos explorar plenamente do ponto de vista acadêmico e crítico. A “ditadura” da unilateralidade teórica tentou calar muitos estudiosos no século passado, assim como contribuiu para o esmaecimento de grandes escritores. Nos últimos 40 anos, no que tange à dimensão da lusofonia, o contexto pós-colonial vem permitindo aos críticos um olhar mais amplo em relação a essa grande *narrativa* lusófona que dá corpo a uma poética que é *nossa* e que também é da *pluralidade*. É como se existisse entre nós e os outros usuários da Língua Portuguesa esse sentimento de “pertença” aos textos que lemos, sejam eles de nossa própria nação ou não; trata-se de um espelhamento que vela e desvela nossas raízes linguísticas, dilemas político-socioeconômicos, projetos de futuro.

O escritor José Saramago afirmou, certa vez, que quase lhe apetecia dizer que *não há uma Língua Portuguesa*, mas sim *línguas em Português*. Refletindo sobre essa afirmação de Saramago e também acerca dos elos que atam e desatam as várias faces da lusofonia, os Organizadores deste volume partiram do pressuposto de que a Língua Portuguesa seja, de fato, um modo de pensar e de olhar para o mundo. Único. Plural.

E o nosso caminho crítico jamais pretenderá ser o da unilateralidade, pois aprendemos a lição de Antonio Candido que, com sua *malandra* dialética apresentou um *caminho do meio* e do *talvez* para uma academia que só sabia pensar binariamente.

Com este **Literatura & Sociedade na pluralidade lusófona**, portanto, buscamos reunir reflexões originais e profícuas que, ao mesmo tempo em que retomam o debate sobre os efeitos da *mimesis* e o espaço social, desenvolvem prazerosamente novas aprendizagens mútuas, onde espelhos portugueses, moçambicanos, macaenses, guineenses, cabo-verdianos, brasileiros e angolanos se misturam e se confundem num multiverso em Português.

ORIGENS ARCAICAS DOS MITOS DA SAUDADE ⁷⁷

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

A António Braz Teixeira, pensador da Saudade.

1. A ÉPICA MEDIEVAL PORTUGUESA

Existiu em Castela, entre os finais do século XII e a primeira metade do século XIV, uma épica medieval anónima, em verso de metro irregular e rima assonante, destinada à recitação e ao canto, narrando factos históricos. Esses poemas narrativos, de género heróico, são chamados cantares de gesta e foram estudados e classificados por Menéndez Pidal. São conhecidos quatro: **Cantar do Mio Cid**, **Mocidades de Rodrigo**, **Cantar de Roncesvalles** e **Cantar dos Sete Infantes de Lara**, o último reconstruído por Pidal. Todos se prendem com a formação e consolidação da comunidade castelhana e acabaram depois prosificados por várias gerações de cronistas peninsulares, incluindo a do conde de Barcelos, autor da portuguesa **Crónica Geral de Espanha**, de 1344, que os tomaram por fontes históricas.

Em Portugal, partindo dos textos históricos em prosa que relatavam a vida de Afonso Henriques, António José Saraiva, ao mesmo tempo que Lindley Cintra dava a conhecer em 1951 a crónica portuguesa do conde Barcelos, farejou a existência dum ou de vários cantares de gesta, dos finais do século XII, centrados nos episódios lendários da vida de Afonso Henriques (luta deste contra a mãe, contra o padrasto, contra o Papa, contra o primo, rei de Leão e Castela) e prosificados pela historiografia posterior.

Durante alguns anos deu como provável, ainda que perdida, a existência dessa tradição jogralesca; mais tarde, ao comentar a quarta

⁷⁷ Sobre a noção de mito da saudade publicámos anteriormente dois textos que servem de introdução a este que aqui se dá a conhecer: “Para um Capítulo Introdutório a um Estudo sobre os Mitos da Saudade” (in **Largo Mundo Alumiado – Estudos de Homenagem a Vítor Aguiar e Silva** [2 vols.], Universidade do Minho, pp. 123-132) e “Da Filosofia à Mitologia da Saudade” (in **Cadernos Vianenses**, tomo 34, Viana do Castelo, 2004, pp. 65-69).